

FONTES IMAGÉTICAS PARA O ESTUDO DO EGITO ANTIGO

Arthur Rodrigues Fabrício
Professora Doutora Marcia Severina Vasques (Orientadora)
Departamento de História – UFRN
arthur-fabricio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Pensando a incipiência dos estudos no Nordeste voltados para a área da História Antiga Oriental, a Professora Doutora Marcia Severina Vasques, propôs no ano de 2010 o projeto “Introdução à História e Arqueologia do Egito”, cujo objetivo principal encontra-se explícito em seu próprio título: a introdução de um aluno de graduação, sem experiência anterior nesse campo de pesquisa, no estudo da História do Egito Antigo, orientando-o sobre práticas e competências que um pesquisador nesta área necessita ter. Para tanto, empreendeu-se diversas atividades relacionadas a essa imersão do aluno, contando com levantamentos bibliográficos, leituras de textos gerais à área da História Antiga, leituras de livros e artigos específicos à Egíptologia, bem como o estudo inicial de algumas questões voltadas à Arqueologia.

Os resultados alcançados por essa pesquisa foram múltiplos e, em destaque, pode-se apontar um *corpus* imagético a respeito da iconografia do Egito Antigo, constituída por peças expostas em diversos museus espalhados pelo globo, sediado agora no sítio do projeto Núcleo de Estudo de História Antiga, MAAT (<http://www.cchla.ufrn.br/maat/>). Simultaneamente ao trabalho de confecção do corpus, desenvolveu-se um trabalho de leitura e resumo dos capítulos da obra organizada pelo egiptólogo britânico, Ian Shaw, *The Oxford History of Ancient Egypt*, cujo resultado final encontra-se, igualmente, exposto ao público no sítio do MAAT.

Sendo assim, é partindo dessa primeira experiência, que o supracitado trabalho teve continuidade na forma do projeto “Fontes Imagéticas para o Estudo do Egito Antigo”, a que nos propomos a tratar na primeira etapa desse breve artigo. Entendemos que tal pesquisa, pioneira em diversos sentidos, abre portas para um tipo de prática pouco adotada nos cursos de graduação, que muitas vezes, devido ao pouco

tempo destinado à temática, tratam superficialmente das civilizações vinculadas à chamada História Antiga Oriental.

Pretende-se, ainda, enfatizar um dos resultados parciais obtidos através da atual pesquisa, que constituem o início de um trabalho de seriação e de análise iconográfica, aplicando às peças dimensões de arte, arqueologia e cultura material trabalhadas durante o andamento do projeto. A seriação de iconografias cuja temática é o rei do Antigo Egito, em diferentes períodos de sua história, massacrando inimigos externos, constitui trabalho ímpar, que visa tentar compreender como esse motivo, cuja recorrência é tão abrangente temporalmente, se insere no sistema mágico-religioso dessa cultura.

O ESTUDO DO ANTIGO EGITO: FONTES VISUAIS COMO DOCUMENTAÇÃO

O projeto “Fontes Imagéticas para o estudo do Egito Antigo”, apresenta como objetivo principal a continuidade da imersão de um aluno de graduação ao estudo de aspectos da civilização egípcia antiga, nesse momento, enfatizando o trabalho com fontes imagéticas, notadamente, a arte egípcia. Para tanto, tomou-se como base, leituras que abrangessem a relação entre Arqueologia e História, cultura material e fonte imagética.

Em um primeiro momento, buscou-se finalizar o trabalho que vinha sendo empreendido com o livro *The Oxford History of Ancient Egypt*, organizado pelo egiptólogo britânico, Ian Shaw, através de leituras dos capítulos finais, referentes ao Egito Ptolomaico e ao Egito Romano (*The Ptolemaic Period* e *The Roman Period*, respectivamente). Como resultados desse trabalho, resumos em português de ambos os capítulos foram realizados, somando-se aos já existentes no sítio do Núcleo de Estudo de História Antiga, MAAT.

Em seguida, o eixo de discussões girou entorno do artigo do Professor Doutor Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, *Fontes visuais, cultura visual, História Visual*. O professor Ulpiano é autoridade no que diz respeito a discussões relacionadas à

cultura material e a História Visual, noções primárias a esse projeto. Em relação ao uso de fontes materiais e visuais no estudo de antigas sociedades, em artigo sobre tal temática, Meneses entende que algumas concepções equivocadas foram vinculadas ao trabalho com tal fonte, desacreditando a totalidade de suas dimensões e utilizações, entendendo-as como meras ilustrações, vinculados a textos escritos, ou através de atribuições meramente instrumentais. Para o autor, o conceito de cultura material é amplo e pode ser compreendido como:

[...] aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. (MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n. 115, 1985, p.112).

A concepção de Meneses permeia grande parte do trabalho desenvolvido durante o referido projeto, por tratar das intencionalidades dos produtores do documento. Sendo assim, o documento, as iconografias da antiga civilização egípcia, no caso dessa pesquisa, pode ser compreendido como aquilo “capaz de fornecer informações a uma questão do observador, qualquer que seja sua natureza tipológica, material ou funcional.” (MENESES, 2003: 19).

Simultaneamente ao trabalho com as concepções voltadas à Arqueologia e cultura material, realizaram-se levantamentos acerca das iconografias do Antigo Egito, presentes em sítios de diversos museus de renome, como o Museu do Louvre, na França; o Museu de Ashmolean e o Museu Britânico, ambos na Inglaterra, O Instituto Oriental da Universidade de Chicago e o Museu do Brooklyn ambos localizados nos Estados Unidos da América e o Museu Egípcio Global, um sítio que pretende alocar em um banco de dados peças e iconografias referentes ao Antigo Egito, retiradas de diversos museus espalhados pelo mundo.

Através de tais atividades, notou-se um interessante padrão de repetição, que tem como motivo central a figura do rei egípcio massacrando inimigos externos de

seu país. Entende-se que tanto o historiador quanto o arqueólogo não trabalham com noções de universos íntegros, mas sim por amostragem e abstração. (MENESES, 1983: 109). Sendo assim, apesar do estado fragmentado de diversas peças e da dificuldade de reuni-las, entendeu-se haver o suficiente para estabelecer um *sistema documental*.

A confecção de um *corpus* é atividade fundamental para a pesquisa de qualquer arqueólogo ou historiador que trabalhe com seriação, pois é a partir dele que serão feitas interpretações e análises do conteúdo. Portanto, a partir de tal perspectiva, é possível entender a dimensão subjetiva da elaboração da ficha tipológica que constitui base para o *corpus*. Segundo a Professora Doutora Marcia Severina Vasques, “a classificação tipológica é subjetiva, na medida em que toda descrição é uma explicação e vice-e-versa.” (VASQUES, 2005: 35). Sendo assim, para retirar as informações contidas nas iconografias, formulou-se uma ficha tipológica (Anexo 1), que estabelece como parâmetro alguns elementos, como *título, categoria, material, estado de conservação, altura, comprimento, profundidade, localização atual, procedência anterior, número do inventário, sítio, período, dinastia, rei/imperador, descrição e referências*.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOTIVO ICONOGRÁFICO “SMITING THE ENEMIES”

O motivo iconográfico de *smiting the enemies* – ou *massacrando inimigos*, em português –, que aparece com frequência durante toda a história do Antigo Egito, do Período Pré-Dinástico ao Período Romano, pode ser rastreado, inicialmente, na tumba de número 100, em Hierakonpolis (Anexo 2), onde dentre as figuras humanas discerníveis, uma delas, visivelmente maior do que as outras, brande uma representação muito primitiva de uma maça de guerra que vai de encontro a três figuras menores. Apesar de muito antiga (4000 a.C.), essa representação não possui muito destaque entre os egiptólogos que tratam desse tipo de padrão. Para esses, a primeira forma ideal desse motivo encontra-se na Paleta de Narmer, uma paleta cerimonial em siltito cinza-esverdeado, descoberta por James Quibell e Frederick Green, em Hierakonpolis, no ano

de 1898. Para Shaw, a paleta em questão é “um dos poucos artefatos datados do Período Proto-Dinástico que é tão icônica e tão rica de informações que podem agir como microcosmos de certos aspectos da antiga cultura egípcia”. (SHAW, 2004: 1).

A face em questão da Paleta (Anexo 3), possui como centro um icônico o rei, geralmente identificado como Narmer, que portando a coroa do Alto Egito, brande uma maça de guerra contra um cativo - visualmente diferente -, preso com firmeza pelo cabelo. O rei, glorioso, prestes a desferir o golpe mortal, é representado de acordo com um padrão artístico que será repetido em fachadas de templos, em cálices, estelas, entre diversos outros elementos decorativos e arquitetônicos

Dentro do contexto milenar da civilização egípcia, o motivo iconográfico de massacre de inimigos cumpre uma clara função mágico-religiosa recorrente em outros motivos: o faraó cumpre seu papel em manter a ordem do universo – *maat* -, como existente desde a criação divina. Nesse sentido, o rei se fazia representar como cumpridor dessa função, indicando que estava agindo de acordo com seu papel relativo à mediação entre as esferas humana e divina. Sendo assim, na arte e nos textos oficiais, os reis buscavam se representar e se afirmar como aqueles que mantêm essa ordem, oferecendo para as divindades *maat*, para que nela eles pudessem viver. (CUNHA; FABRÍCIO, 2011: 7). Ainda, para a egiptóloga britânica Gay Robins, referência em arte egípcia, cujo livro, *The Art of Ancient Egypt*, fora trabalhado no atual projeto, “em adição ao simbolismo de triunfo da ordem sobre o caos, as imagens possuem função apotropaica, protegendo o ambiente puro do interior do templo das influências poluidoras do mundo exterior.” (ROBINS, 1997: 17).

São do Novo Império do Antigo Egito, período de grande florescimento da arte arquitetônica e decorativa dessa civilização da antiguidade, a maior quantidade de peças rastreadas, até o presente momento. Aparentemente, os reis envolvidos na expansão territorial egípcia e nas lutas contra estrangeiros em defesa da unidade espacial – em destaque, os governantes da XIX Dinastia – deixaram maior número de elementos contendo o motivo de massacre de inimigos. Um dos principais representantes dessa dinastia, Ramessés II (Anexo 1), faraó do Egito envolvido na famosa Batalha de Kadesh, seguiu um extenso programa de construções, adotando o motivo de massacre como um dos principais elementos de seu repertório. Nessas iconografias, pode-se notar

que “a pessoa do soberano está totalmente submetida à função que tem de desempenhar. Por conseguinte, mesmo na arte figurativa, o rei não é reproduzido como indivíduo, mas como tipo ideal.” (HORNUNG, 1994: 243).

Nessa perspectiva, um fator que, em grande medida, chama a atenção para a longevidade desse modelo iconográfico, está presente na parede norte da sala hipóstila do Templo de Esna, onde o imperador romano da dinastia antonina, Trajano (Anexo 4), considerado o primeiro imperador “estrangeiro” a governar Roma, aparece representado massacrando inimigos externos do Egito, seguindo os moldes artísticos próprios àquela civilização. Em relação à continuidade dos antigos costumes egípcios, o egiptólogo suíço Erick Hornung, entende que:

Surpreendentemente, mesmo os soberanos estrangeiros conseguiram integrar-se nela (a instituição da realeza) durante mais de um milênio, transformando-se em “autênticos” faraós; no Templo de Esna, o imperador Trajano é ainda reproduzido a dançar perante as divindades egípcias, cumprindo assim, o seu dever religioso de mediador entre o mundo humano e o mundo divino. (HORNUNG, 1994: 261).

Dessa forma, o faraó Trajano encontra-se situado entre duas culturas: apesar de romano, é representado aos moldes egípcios, atendendo a exigências mágico-religiosas dessa cultura, que necessita que seu governante cumpra os milenares papéis designados a ele.

CONCLUSÃO

A guisa de conclusão, entende-se que este projeto foi pioneiro em diversos sentidos. Em primeiro lugar, deu continuidade a introdução de um aluno de graduação, sem nenhuma experiência na área de História Antiga, no estudo de uma civilização da antiguidade, no caso o Antigo Egito, ensinando-o práticas e métodos relacionados à pesquisa nesta área. Posteriormente, tal iniciativa permitiu a formulação do *corpus* imagético que visa catalogar peças e armazená-las em um ambiente de fácil acesso para

estudantes de todo o país, visando contribuir para a disseminação dos estudos relacionados a antiguidade oriental, ainda muito incipientes no Brasil. Ainda, dentro da presente pesquisa, tem sido possível perceber a permanência de um padrão representativo de *smiting the enemies*, ao longo da história do Antigo Egito, que encerra em si, oportunidade para responder diversos questionamentos que permanecem sem resposta: para quem se destinava essas iconografias? Havia uma intenção propagandística? Quem são os estrangeiros representados? Esses são alguns das perguntas que essa pesquisa, e suas continuações, pretendem responder, em longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCAGLION Jr, A. **Manual de Arte e Arqueologia Egípcia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.
- BARD, Kathryn A. **Encyclopedia of the archaeology of Ancient Egypt**. New York: Routledge, 1999
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. **Hibridismo cultural**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre Práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CUNHA, L. T. P.; FABRÍCIO, A. R. **Dois mundos, duas culturas que se cruzam: as nuances do imperador Trajano no Egito e na Roma Antiga**. Artigo publicado em anais da XIX Semana de Humanidades, UFRN, 2011.
- Gralha, Julio . Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramses II. In: VERGARA, Fabio.GONÇALVES, Ana. NOBRE, Chimenes. SLVA, Glaydson. VARGAS, Anderson. (Org.). **Guerra e Paz no Mundo Antigo**. 1 ed. Pelotas: LEPAARQ, 2007, v. , p. 89-99.
- HORNUNG, Erik. O Rei. In: DONADONI, S. (org.) **O Homem Egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de . **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, São Paulo, n. 115, 1985.

_____. **Fontes visuais, cultura visual, História Visual**. Balanço provisório, Propostas cautelares. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>.

ROBINS, Gay. **The Art of Ancient Egypt**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

SHAW, Ian. **The Oxford history of the ancient Egypt**. United States: Oxford University Press, 2003.

SILVERMAN, D. P. O divino e as divindades no Antigo Egito. In: SHAFER, B. E. (org.). **As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos**. São Paulo: Nova Alexandria, p. 21-107.

VASQUES, Marcia Severina. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia, volume 1**. São Paulo: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – Ficha Tipológica:



Título: Bloco com cena de Ramessés II massacrando seus inimigos.

Categoria: Elemento arquitetônico, escultura, pintura.

Material: Pedra calcária

Estado de conservação: pinturas desgastadas pelo tempo, principalmente sobre os cativos.

Altura: 50 cm

Comprimento: 88 cm

Profundidade:

Localização atual: Museu Egípcio do Cairo

Procedência anterior:

Número do inventário: JE 46189

Sítio: Mit Rahina, Memphis.

Período: Novo Império (c. 1279 a.C. e 1213 a.C.)

Dinastia: 19ª

Rei/Imperador: Ramessés II

Descrição: Nesse bloco decorado com uma cena tradicional onde o rei está prestes a massacrar seus inimigos, Ramessés II é representado usando um elegante traje, com a coroa azul adornada com a cobra *uraeus*, o colar *usekh*, dois braceletes, duas pulseiras e sandálias. Ele segura em sua mão esquerda três prisioneiros pelo cabelo e, em sua mão direita, segura um machado com o qual irá golpeá-los. As feições, os cabelos e as barbas dos oponentes indicam que eles pertenciam a três povos diferentes: Sírios, Líbios e Núbios.

Referência: <http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=14782>

ANEXO 2:



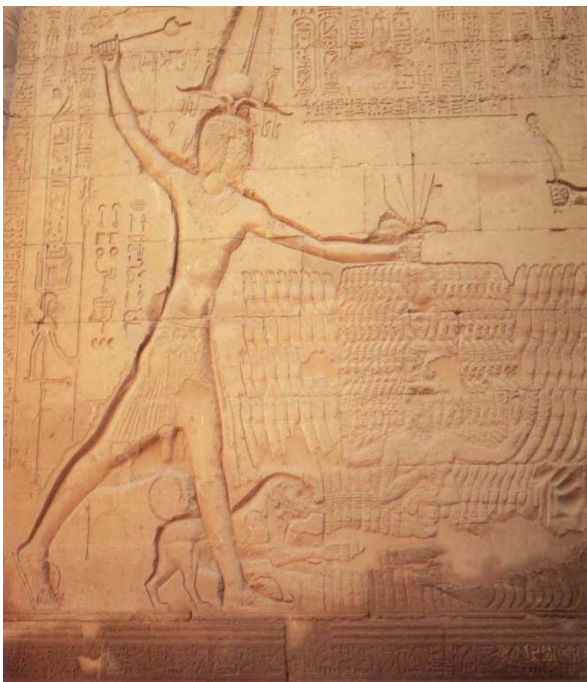
Fragmento de arte pré-dinástica da tumba 100 de Hierakonpolis, aproximadamente 4000 a.C. Disponível em: <http://bit.ly/sBQQRC>

ANEXO 3:



Paleta de Narmer, 63cm de altura. Disponível em: <http://bit.ly/uEnZjl>.

ANEXO 4:



Trajano, imperador romano. Relevo localizado no Templo de Esna. Disponível em:
<http://bit.ly/t5kkvq>